

Coleção Aventuras Grandiosas

H. Rider Haggard

AS MINAS DO REI SALOMÃO

Adaptação de Isabel Vieira

3ª edição

 **EDITORA
RIDEEL**

Capítulo 1

EM BUSCA DE NEVILLE

Tenho 55 anos de idade e esta é a primeira vez que tento escrever uma história. Desde muito jovem, quando iniciei minhas atividades de comércio nas **COLÔNIAS SUL-AFRICANAS**, exerci inúmeros ofícios. Até que me tornei caçador. Caçador Allan Quatermain — assim sou conhecido na África.

Apesar de ter trabalhado duro tantos anos, só há pouco consegui ficar rico. Isso devido aos acontecimentos que vivi nos últimos 18 meses e que me proponho a relatar. Não voltaria a me arriscar em aventuras como essa, nem que me prometessem toda a fortuna deste mundo e me dessem garantias de voltar são e salvo. Por ser esta a história mais extraordinária que conheço — o que já é um bom motivo para colocá-la no papel —, que outras razões eu teria para escrevê-la? Basicamente, três.

A primeira é que *Sir Henry Curtis* e o Capitão John Good gostariam de vê-la transformada em livro. A segunda é que me encontro temporariamente fora de combate, devido a fortes dores na perna, consequência de uma velha mordida de leão. E a terceira, é meu desejo de oferecer uma distração a meu filho Harry, que estuda Medicina em Londres. Afinal, indiretamente, foi por causa dele que acabei me envolvendo com as Minas do Rei Salomão.

Mas vamos aos fatos. Conheci **SIR** Henry Curtis e o Capitão Good há cerca de um ano e meio, voltando de uma caçada de elefantes na região de Bamangwato, ao norte do **TRANSVAAL**. Decidido a regressar a **NATAL**, segui para a **CIDADE DO CABO**, onde embarquei no Dunkeld. Antes de **ZARPAR**, esse navio recebeu os passageiros de um outro navio procedente da Inglaterra.

Entre as pessoas que subiram a bordo, dois cavalheiros chamaram minha atenção. O mais jovem era forte, com ombros largos e porte **ALTIVO**. Tinha barba e cabelos ruivos, e uma expressão de nobreza nos olhos cinzentos.

- 🦋 **COLÔNIAS SUL-AFRICANAS:** países da África anexados ao império britânico durante o século XIX, servindo como mercados para seus produtos e fornecedores de matérias-primas
- 🦋 **SIR:** tratamento dado a pessoas de alta condição social na Inglaterra
- 🦋 **TRANSVAAL:** província da União Sul-Africana, que faz parte da atual África do Sul
- 🦋 **NATAL:** província pertencente à África do Sul, assim chamada por ter sido descoberta pelo navegador português Vasco da Gama no Natal de 1497
- 🦋 **CIDADE DO CABO:** uma das duas capitais da África do Sul (a outra é Pretória) e capital da província do Cabo da Boa Esperança. É a maior cidade do país e uma das principais rotas marítimas da Europa para o Extremo Oriente
- 🦋 **ZARPAR:** partir, levantar âncora
- 🦋 **ALTIVO:** soberbo, orgulhoso, digno



Seu companheiro, moreno e baixo, usava um **MONÓCULO** no olho direito e vestia-se com elegância. Supus que se tratasse de um oficial da Marinha Inglesa.

Na mesa do jantar, falávamos sobre caçadas, quando alguém mencionou meu nome e minha experiência no assunto. O ruivo teve um sobressalto.

— Então o senhor é o famoso caçador Allan Quatermain?

Sem entender nada, aceitei o convite para fumar um cachimbo no seu **CAMAROTE**, após a refeição. O amigo de monóculo foi junto. Lá chegando, vi que meus passos não eram segredo para aqueles homens.

— Dois anos atrás, o senhor esteve em Bamangwato, no Transvaal, não é verdade? — perguntou o ruivo, ansioso. — Por acaso recorda-se de um homem chamado Neville?

Vendo aquele cavalheiro de perto, eu tinha a impressão de conhecê-lo de algum outro tempo e lugar. Ainda sem saber quem ele era, contei-lhe o que lembrava sobre Neville. Sim, eu havia encontrado tal criatura dois anos antes. Ele tinha acampado com seus bois ao lado da minha tenda durante uns 15 dias, dizendo que pretendia seguir viagem para o interior. Coincidentemente, havia poucos meses eu recebera uma carta de um advogado londrino pedindo notícias do mesmo Neville. E havia respondido à solicitação dele.

— Conheço o conteúdo da sua carta, senhor Quatermain — disse meu **INTERLOCUTOR**, passando a relatar tudo o que eu havia escrito.

Neville deixara Bamangwato durante o mês de maio, com sua carreta de bois, um condutor, um guia e um caçador chamado Jim. Segundo dissera, sua intenção era alcançar a vila de Inyati, onde venderia os bois e prosseguiria a pé. Eu imaginava que ele fizera isso, pois, seis meses depois, encontrei a mesma carreta com um comerciante português, que me disse tê-la comprado de um branco. E isso era tudo o que eu sabia sobre Neville.

O inglês ruivo fez uma pausa, olhou-me com firmeza e perguntou:

— Por acaso tem ideia dos motivos que levaram o meu... digo, Neville a embrenhar-se no coração da África, senhor Quatermain?

Relutei em responder. Quem seria esse homem e qual seu interesse no caso? Vendo meu embaraço, ele apressou-se a se apresentar.

— Desculpe a indelicadeza — disse, estendendo-me a mão. — Sou o Barão Henry Curtis. Espero contar com sua ajuda e **DISCRIÇÃO**. Neville é... meu irmão! O verdadeiro nome dele é George Curtis.

ABISMADO com a revelação, entendi por que sua fisionomia me era

- 👁️ **MONÓCULO:** espécie de óculos que se usa num só olho
- 🚢 **CAMAROTE:** cabina do navio, compartimento para passageiros
- 🗣️ **INTERLOCUTOR:** aquele com quem se está falando
- 🔒 **DISCRIÇÃO:** reserva, segredo
- 😲 **ABISMADO:** espantado, perplexo





familiar. Os irmãos eram muito parecidos. A única diferença era que Neville era mais baixo, e seus cabelos e barba, mais escuros. Antes que eu me recuperasse do assombro, *Sir Curtis* contou-me uma história incrível.

Neville — ou George — era seu único irmão e o caçula da família. Cinco anos antes, eles tiveram uma briga feia. Logo depois, o pai de ambos falecera, deixando uma grande fortuna. Como as leis inglesas da época determinavam que, se alguém morresse sem deixar testamento, os bens ficariam para o filho mais velho, Henry tornou-se o único herdeiro. E George viu-se sem um tostão.

— Fui muito injusto com ele, recusando-me a dividir as terras que, por direito, também lhe pertenciam — **PENITENCIOU-SE** Henry Curtis.

Quando quis **REPARAR** o erro, *Sir Curtis* não conseguiu mais encontrar o irmão. Soube que ele havia partido para a África em busca de fortuna, usando o nome falso de Neville. Desde então, não se cansara de procurá-lo, chegando a contratar o advogado que fizera contato comigo. As notícias que eu mandara lhe deram alguma esperança. Mas, como nada mais soubera desde então, tinha decidido ir ele mesmo à África para tentar encontrar o irmão. E o Capitão Good, seu amigo, concordara em fazer-lhe companhia.

— Eu daria metade da minha fortuna para trazer George de volta... — confessou *Sir Curtis*, **COMPUNGIDO**. — Há mais alguma coisa que o senhor sabe sobre ele e não revelou na carta ao meu advogado?

— Sim — decidi expor minhas suspeitas. — Eu imagino que ele estava à procura de... Bem, das Minas do Rei Salomão...

— Que minas são essas?! Onde ficam?!




— A localização exata eu não sei. Há muito tempo, avistei os picos das montanhas onde dizem ficar essas minas. Entre o ponto onde eu estava e os picos, havia 200 quilômetros de deserto. Segundo contam na África, um único branco conseguiu atravessar esse areal.

A história era longa. Enchi meu cachimbo e, depois de obter dos ingleses a promessa de não revelarem minhas palavras a ninguém, pus-me a relatar o que sabia a respeito das Minas do Rei Salomão.

Capítulo 2

UMA AVENTURA ARRISCADA

Quem primeiro me falou sobre a existência das Minas do Rei Salomão foi o caçador Evans, que conheci quando comecei a caçar elefantes. Conversávamos

-  **PENITENCIOU-SE:** arrependeu-se, culpou-se
-  **REPARAR:** compensar, remediar, pagar
-  **COMPUNGIDO:** comovido, atormentado, enternecido

ao redor do fogo do acampamento e ele mencionou algo sobre as montanhas de Soliman. Como eu mostrasse surpresa, explicou:

— É onde estão as famosas Minas do Rei Salomão. A palavra Soliman provavelmente deriva de Salomão, o nome do rei.

Evans morreu no ano seguinte, ferido por um búfalo. Mas só fui me lembrar da sua revelação duas décadas depois, devido a um fato curiosíssimo.

Eu estava em Sitanda, uma aldeia muito pobre, recuperando-me de uma febre, quando chegou ali um português com aspecto de **FIDALGO**, com um criado mestiço. Apresentou-se como José Silvestre e disse ser fazendeiro na região de Delagoa, de onde vinha. Ofereci-lhe minha tenda, na qual ele dormiu uma noite. Na manhã seguinte, despediu-se, agradecido:

— Obrigado, amigo. Se um dia nos virmos de novo, serei o homem mais rico do mundo e saberei recompensá-lo pela **ACOLHIDA**.

Depois das palavras misteriosas, desapareceu na poeira do deserto e esqueci o assunto. Dias mais tarde, preparava-me para levantar acampamento quando um vulto humano surgiu no horizonte. Arrastava-se com dificuldade. Parecia doente. Um dos meus caçadores o trouxe até mim. Qual não foi minha surpresa ao reconhecer José Silvestre! O pobre português tinha se transformado num farrapo, só pele sobre ossos, sedento e faminto. Bebeu um **CANTIL** de água com leite e desmaiou, tomado pela febre. Durante a noite, em seus delírios, falava coisas como “o deserto”, “diamantes” e “as montanhas de Soliman”...






— Ninguém jamais as alcançará — repetia sem parar o **MORIBUNDO**.

Montanhas de Soliman! Fazia 20 anos que eu escutara esse nome. Segui o olhar de José Silvestre e avistei, além do deserto, dois picos nevados, a cerca de 200 quilômetros dali. O português estava muito agitado.

— Descanse, amigo — eu lhe disse, tentando acalmá-lo.

— Tenho toda a eternidade para descansar. Não vou durar muito... Você foi bom para mim, por isso só partirei depois de lhe confiar um segredo. Um segredo que poderá torná-lo o homem mais rico do mundo.

Para meu espanto, pediu que eu abrisse sua bolsa. Dentro dela havia um pedaço de pano e um papel. Silvestre explicou que o pano pertencera a um antepassado de sua família, que vivera na região e havia morrido fazia quase três séculos. Naqueles 300 anos, muitos tentaram decifrar seu significado, **EM VÃO**. Até que ele, José Silvestre, conseguiu! O papel continha

-  **FIDALGO**: indivíduo que tem título de nobreza
-  **ACOLHIDA**: recepção, abrigo, refúgio
-  **CANTIL**: recipiente para transportar líquidos em viagem
-  **MORIBUNDO**: pessoa que está à morte, agonizante
-  **EM VÃO**: sem conseguir, inutilmente





a tradução do que estava no pano, incluindo um mapa. Eram documentos que, segundo dizia o português, fariam do seu portador um homem riquíssimo.

— Eu fracassei, mas você terá êxito... — garantiu-me, antes de morrer.

A essa altura do relato, *Sir Henry Curtis* e o Capitão Good me olhavam, **INCRÉDULOS**. Para provar a **VERACIDADE** de minhas palavras, mostrei-lhes uma cópia do documento decifrado por José Silvestre e o li em voz alta:

Eu, José da Silvestra, escrevo num farrapo de pano, usando por caneta um pedaço de osso e meu sangue por tinta. Estamos no ano de 1590. Estou morrendo de fome nesta cova, no pico sul das montanhas que batizei de Seios de Sabá. Se um escravo me achar, que leve esta mensagem ao Rei, para que ele envie o exército para cá. Se os soldados conseguirem atravessar o deserto e as montanhas, e vencer os kakuanas, nosso Rei será o mais rico do mundo. Eu vi com meus próprios olhos os diamantes de Salomão, atrás da Morte. Mas fui traído pela feiticeira Gagula. Quem vier deve seguir o mapa, escalar os Seios de Sabá pelo lado esquerdo e tomar a Estrada de Salomão. Em três dias estará no Palácio. Primeiro, porém, deve matar Gagula. Rezem por mim.

José da Silvestra

Os ingleses examinaram o papel, impressionados, e indagaram o que me levava a acreditar que Neville tivesse seguido o rastro do português.

— Eu conhecia Jim, o caçador que o acompanhava — expliquei. — Soube por ele que seu patrão pretendia atravessar as montanhas de Soliman em busca de diamantes. Então eu lhe dei um bilhete com as indicações de Silvestra, mas pedi-lhe que só o entregasse a Neville quando estivessem em Inyati. E depois disso nunca mais vi Jim nem Neville... digo, *Sir George Curtis*.

Sir Henry ficou alguns instantes em silêncio, pensativo. Depois disse:

— Senhor Quatermain, vim à África para descobrir o **PARADEIRO** de meu irmão e daqui não sairei sem levá-lo comigo, vivo ou morto. Se para isso for preciso atravessar as montanhas de Soliman, eu o farei. Gostaria que o senhor viesse conosco, como nosso guia. Pode pedir qualquer quantia que eu pago. Dinheiro não é problema para mim. Sou um homem rico, como já lhe disse.

Recusei, **ALEGANDO** estar velho para tais aventuras. Além disso, eu tinha um filho que dependia de mim para concluir os estudos e não podia arriscar a vida.

- 👁️ **INCRÉDULO:** descrente, céptico
- 👁️ **VERACIDADE:** verdade, exatidão, fidelidade
- 👁️ **PARADEIRO:** lugar em que uma pessoa está
- 👁️ **ALEGANDO:** justificando, desculpando

— Pois dou-lhe minha palavra de que, antes de partirmos, deixarei tudo arranjado para que o rapaz possa continuar estudando — insisti o nobre inglês.
— Isso, na hipótese de alguma tragédia nos acontecer...

Estávamos a cinco dias de viagem de Natal. Prometi a *Sir Henry* pensar no assunto durante o restante da travessia. Passei noites **INSONE**, lembrando a história dos dois infelizes portugueses. Quando cruzamos o Cabo de Durban e avistamos a costa de Natal, eu já estava decidido:

— Aceito sua proposta, *Sir Curtis*, mas com algumas condições. Todas as despesas correrão por sua conta. O marfim e os diamantes que **PORVENTURA** encontrarmos pertencerão a mim e ao Capitão Good. Fora isso, eu lhe cobrarei 500 libras, pagas antecipadamente. E mais: no caso de minha morte, quero que garanta a meu filho uma pensão de 200 libras por ano até que ele complete seus estudos. Sei que o preço é bastante alto, mas...

— Absolutamente — *Sir Henry* impediu-me de continuar. — Eu pagaria muito mais para poder contar com sua experiência e seus conhecimentos numa expedição tão arriscada. Podemos não sair dela vivos, não é verdade?

Confirmei seus temores. Os perigos que íamos enfrentar eram imensos. Mas eu tinha uma sólida razão para me expor. Naqueles dias no navio, havia **PASSADO A LIMPO** minha vida. Concluí que já vivera mais tempo que a maioria dos caçadores e, se morresse naquela hora, a única herança que deixaria a meu filho seriam dívidas. Participando da aventura, ao contrário — e tanto fazia sair dela vivo como morto —, eu garantiria seu futuro. Se eu sobrevivesse, teria 500 libras. Se morresse, ele receberia o suficiente para se formar.

— Além disso, creio que nosso destino estava traçado havia muito tempo, *Sir Henry* — concluí. — São tantas as coincidências que nos levam, ao senhor e a mim, às Minas do Rei Salomão, não acha?

Capítulo 3

A CAMINHO DO DESERTO

Em Natal, acomodei os ingleses em minha casa e fui com *Sir Curtis* ao **TABELIÃO** local, onde registramos o acordo a respeito de meu filho. O nobre me pagou as 500 libras e comecei a preparar a viagem. Havia muito o que fazer!

Demorei para encontrar uma carreta resistente, capaz de suportar



INSONE: sem sono, em estado de vigília



PORVENTURA: por acaso, talvez



PASSADO A LIMPO: revisto, analisado, pensado a respeito



TABELIÃO: escrivão público que registra títulos e documentos, entre outras atribuições





quilômetros de **SAVANAS**. Para puxá-la, comprei dez **JUNTAS** de bois. Carreguei a carreta com **VÍVERES**, remédios, munições e armas.

Contratei dois **ZULUS**, Goza e Tom, para nos servir de guias. Como tínhamos decidido levar um mínimo de empregados, faltavam apenas três criados. Precisavam ser homens corajosos e leais, pois, em certas situações, deles dependeriam nossas vidas. Até perto da viagem, só dois mereceram minha confiança: Ventvogel, um **HOTENTOTE** que eu conhecia de longa data, excelente **RASTREADOR** de caça, e o zulu Khiva, que falava inglês com perfeição. O terceiro surgiu inesperadamente, na véspera da partida.

Estávamos jantando quando Khiva veio avisar que havia um homem na varanda à minha procura. Mande-o entrar. Era alto e forte, aparentava 30 anos e tinha a pele mais clara que a dos zulus. Achei que já o tinha visto antes.

— É verdade, nos conhecemos na véspera da batalha, *Macumazahn* — confirmou ele, chamando-me pelo apelido que me deram os nativos, que quer dizer algo parecido com *homem de olhos vigilantes*.

Lembrei que ele estivera do nosso lado durante a guerra contra os zulus pela ocupação daquelas terras. Na época, eu era guia dos ingleses.

— Muito bem. O que quer de mim? — perguntei.

— Ouvi dizer que *Macumazahn* segue para o norte, comandando uma grande expedição. Que vai cruzar o rio Lukanga... Pois eu quero ir também. Ele falava com uma altivez que não era habitual nos nativos.








— Primeiro me diga seu nome e o de sua aldeia — respondi, desconfiado.

O homem disse que se chamava Umbopa e pertencia a uma tribo que ficava a muitos quilômetros ao norte da dos zulus. Tinha sido abandonado quando criança. Vivera em vários lugares e lutara em diversas guerras. Sentia-se cansado da vida **ERRANTE** que vinha levando e queria voltar para o norte.

— *Macumazahn* não precisa me pagar. Meu pagamento será a comida.

Seu jeito me intrigava. Parecia estar escondendo uma parte da verdade. Consultei meus companheiros, e *Sir Henry* simpatizou com ele à primeira vista.

— Que colosso de homem! — exclamou o barão, admirando os músculos do nativo, cuja estatura, de quase dois metros, era semelhante à sua. — Gosto dele. Vamos contratá-lo para nos servir.

-  **SAVANA:** vasta planície tropical situada entre o deserto e a floresta equatorial
-  **JUNTA:** par de bois
-  **VÍVERES:** mantimentos
-  **ZULU:** natural ou habitante da Zululândia, na República Sul-Africana
-  **HOTENTOTE:** natural ou habitante da Hotentótia, na África
-  **RASTREADOR:** aquele que conhece a caça por meio de vestígios deixados pelos animais
-  **ERRANTE:** nômade, inconstante

— Dois colossos, então! — replicou Umbopa em zulu, sorrindo para *Sir Henry*. Com certeza havia entendido a frase dita em inglês.

Sáímos de Durban no fim de janeiro e levamos quatro meses até Sitanda. Dos 2 mil quilômetros que separavam essas regiões, os últimos 500 tiveram de ser feitos a pé. Oito bois morreram no percurso, vítimas de picadas de mosquitos. Em Inyati, desfizemo-nos da carreta e outros pertences, deixando-os aos cuidados de Goza e Tom, e seguimos Khiva, Ventvogel e Umbopa, além de seis carregadores.

No início íamos tristes. Mas Umbopa nos surpreendeu, cantando bonitas canções. Sua voz profunda nos distraía e animava. Às vezes, porém, o nativo mergulhava num silêncio **MELANCÓLICO** e inexplicável.

Quinze dias depois, a paisagem tornou-se mais amena. Havia rios e árvores por toda a parte. Montamos o acampamento à beira de um riacho, onde o Capitão Good foi se refrescar, depois de matar uma girafa para o jantar. Os nativos o chamavam de *Buguan* — olho de cristal — por causa do monóculo.

Incrível como *Buguan* conseguia manter-se impecável no coração da África! Todas as noites, ele escovava os dentes e dobrava cuidadosamente as roupas. Nunca se esquecia de fazer a barba.

Sir Henry gostou tanto de ouvir ruídos de elefantes que decidiu ficar para caçar. Eu o entendia: o verdadeiro caçador não resiste ao prazer de medir forças com um **PAQUIDERME**. Sáímos cedo na manhã seguinte, com os três criados. Logo encontramos a pista dos animais.

Os elefantes costumam **PERAMBULAR** à noite, denunciando sua presença pelas pegadas. Ventvogel calculou que seriam 20 ou 30, todos machos. De fato, ali estavam eles. Felizmente o vento soprava a nosso favor, pois, se nos farejassem, fugiriam no primeiro disparo. Apontei três belos espécimes:

— O do meio é meu! — sussurrei. — *Sir Henry* atira no da esquerda e o Capitão Good, no da direita!

Os disparos derrubaram ao mesmo tempo o elefante da esquerda e o do meio. O da direita, visado pelo Capitão Good, apenas se feriu. Deu meia-volta e tomou a direção do acampamento, enquanto o restante da manada debandava. Preferimos perseguir os fugitivos, esquecendo o ferido para trás. Tivemos a sorte de pegá-los indefesos, escalando a margem de um riacho. No fim da tarde, tínhamos uma bela caçada: oito enormes animais!

A tragédia aconteceu na volta. Um bando de **ALCES** chamou a atenção do Capitão Good, que quis chegar perto deles. Khiva o acompanhou. Foi tudo tão



MELANCÓLICO: triste, pensativo



PAQUIDERME: mamífero que tem a pele espessa



PERAMBULAR: andar, vagar, passear



ALCE: mamífero ruminante, que possui chifres ramificados





rápido, que *Sir Henry*, Umbopa, Ventvogel e eu levamos um enorme susto ao vermos os dois correndo de volta, perseguidos pelo elefante ferido naquela manhã. O animal decerto passara o dia escondido, e agora se lançava sobre eles.

Foram minutos terríveis: se atirássemos no elefante, poderíamos atingir um dos homens. Para complicar ainda mais, o capitão escorregou nas botas de verniz e caiu. O animal ia esmagá-lo. Khiva atraiu sua atenção, atirando-lhe uma lança. Pobre Khiva!... O elefante investiu sobre ele. Foi o seu fim...

— Ele morreu para me salvar!... — choramingava o capitão, arrasado.

— Morreu como um homem — declarou Umbopa, com dignidade.

Enterramos Khiva ao pé da colina, com sua lança, e passamos dois dias serrando o marfim das **PRESAS** dos nove animais mortos. Aquilo valia uma fortuna! Camuflamos o tesouro sob uma árvore, para recuperá-lo na volta. Voltamos a caminhar, atingindo a aldeia de Sitanda, nas margens do rio Lukanga.

Acampamos no mesmo lugar onde eu havia encontrado José Silvestre 20 anos antes. Era como se ainda o visse, arrastando-se, quase morto, depois da tentativa **MALGRADA** de chegar às Minas do Rei Salomão. Apontei para as montanhas ao longe, além do deserto, e disse a *Sir Henry*:

— Veja, lá estão as montanhas de Soliman...

— É onde George deve ter-se perdido... — refletiu ele, pensativo.

Percebi que não estávamos sozinhos. Umbopa, como uma sombra, tinha se colocado atrás de nós e escutado o que dizíamos.

— No deserto não existe água. As montanhas são geladas. É para lá que nós vamos, senhor? Por quê? — perguntou o nativo.

Eu ia repreendê-lo pela arrogância, mas *Sir Henry* não me deu tempo.

— Porque preciso encontrar meu irmão, Umbopa — respondeu.

— Talvez eu também tenha um irmão atrás das montanhas...

Aquelas estranhas palavras me puseram de novo em alerta. O homem sabia mais do que aparentava! Umbopa deve ter lido a desconfiança em meu rosto, pois encarou-me fixamente e tentou me tranquilizar:

— *Macumazah*n não precisa temer, não preparo nenhuma cilada. Se nós vencermos a morte, que está sentada nos picos, eu contarei tudo o que sei...

Capítulo 4

O OUTRO LADO DA MONTANHA

Como seria impossível atravessar o deserto com tanta carga, separamos um mínimo de remédios, munição, comida, cantis e cobertores para levar. Na noite seguinte, quando a lua apareceu no céu, entramos no areal.



PRESA: dente canino dos animais



MALGRADA: frustrada, malsucedida

Nossa meta era caminhar sempre à noite, evitando o calor do sol. Nos primeiros 30 quilômetros, tivemos a ajuda de três nativos, que carregaram pipas de água. Sabíamos que ela seria escassa no deserto. No início, tudo deu certo: ao amanhecer, enchíamos os cantis e nos abrigávamos. Quando a água acabou, porém, nada havia a fazer senão dispensar os carregadores e encontrar logo o poço assinalado no mapa de José da Silvestra.

Nesse dia, às 7 horas da manhã, o sol já nos escaldava. Não havia onde nos abrigarmos e um enxame de moscas nos torturava. O Capitão Good deu a ideia de cavarmos um buraco na areia e nos enfiarmos nele. Assim ficamos até o meio da tarde, imóveis, feito bifés assando na grelha. Só Ventvogel, que como bom hotentote não sofria com o calor, negou-se a entrar no buraco.

Pelos nossos cálculos, faltavam 20 quilômetros para o poço indicado pelo português. Andamos a noite inteira, e nada!... De manhã, nossa situação era dramática. Todos sabíamos que morreríamos se não achássemos água.

Estávamos numa elevação e, por um momento, esquecemos a terrível sorte que nos aguardava: ao longe, avistamos os dois picos que Silvestra havia batizado de Seios de Sabá. Havia muita neve neles. Como chegar até lá?

De repente, Ventvogel abaixou-se, parecendo observar algo.

— Pegadas de veado — ele disse. — E eles não vivem sem água...

Ficamos cheios de esperança, mas, depois de procurar o poço por uma hora, o desânimo era completo. Foi quando Sir Curtis sugeriu que olhássemos no lugar menos provável: o alto de uma colina próxima. E ele estava certo!

— Estamos salvos! — gritou Umbopa, atirando-se alegremente no poço.

Poço? Aquilo era uma poça d'água suja e lamacenta, porém suficiente para matar a sede e nos refrescar. Ficamos ali o restante do dia. À noite, voltamos a caminhar. Dois dias depois, iniciamos a subida das montanhas de Soliman.

O **PLATÔ** onde se erguiam os Seios de Sabá era forrado por **LAVAS** tórridas e pontiagudas, que machucavam nossos pés. Ali na base tampouco havia água. Só mais adiante, no alto, divisávamos a linha branca da neve. O percurso foi terrível: sedentos e esfomeados, teríamos **PERECIDO** se Umbopa não descobrisse uns melões, que nos saciaram um pouco a sede e a fome.

Conforme subíamos, a temperatura baixava. Ventvogel **TIRITAVA** de frio. Cada passo nos custava um esforço sobre-humano. No terceiro dia, ultrapassamos a parte que une os “seios” da montanha e começamos a subir o “seio” esquerdo, como mandava o português. Se a noite caísse e nos pegasse ao **RELENTO**, no meio da neve, morreríamos congelados.



PLATÔ: planalto



LAVA: rocha de origem vulcânica que se derramou na superfície da Terra



PERECIDO: morrido, sido destruído



TIRITAVA: tremia de frio



RELENTO: umidade atmosférica da noite; sereno





— Deve haver uma caverna por aqui — disse o Capitão Good.
 — Claro, está assinalada no mapa — animou-nos *Sir Henry*, que confiava cegamente nas indicações de José da Silvestra.

Felizmente, achamos a caverna antes do pôr do sol. Mas o frio naquele buraco negro era tão intenso, que a única maneira de nos aquecermos foi encostar o corpo uns nos outros. Fiquei com as costas coladas às de Ventvogel a noite inteira, ouvindo-o bater os dentes e tremer. De madrugada, ele tombou, inerte. Estava morto! Acostumado ao calor, não resistira ao frio...

O amanhecer trouxe nova surpresa: com a claridade, vimos um cadáver — intacto — no fundo da caverna. *Sir Curtis* se arrepiou todo, temendo estar diante do corpo do irmão. Mas não foi preciso pesquisar muito para saber de quem se tratava. Um crucifixo antigo pendurado no pescoço e um pedaço de osso preso à mão direita do defunto nos deram as pistas.

— José da Silvestra! — exclamei. — O osso que ele usou para escrever!
 — Mas como seria possível? — duvidou o Capitão Good. — Ele morreu há 300 anos! Nenhum cadáver se conserva por tanto tempo!

Sir Henry explicou que o fenômeno se devia à baixíssima temperatura da caverna. Era como se o corpo estivesse numa geladeira! Acomodamos Ventvogel ao lado de José da Silvestra, tornando-os companheiros por toda a eternidade. Em seguida, saímos para a luz do sol.

Dois quilômetros adiante, atingimos o outro lado da montanha, que nos revelou um espetáculo fantástico: regatos, muito verde e um bando de veados.

Esfomeados, abatemos um animal e, por falta de fogo, o comemos cru.
 — Vejam que coisa maravilhosa! — disse *Sir Henry*, depois da refeição.

Aos nossos pés estendia-se uma planície **PARADISÍACA**.

— O mapa não menciona uma tal Estrada de Salomão? — lembrou o Capitão Good.

— Sim, lá está ela! — dissemos *Sir Henry* e eu.

Em pouco tempo, caminhávamos sobre uma espécie de calçada, que começava na montanha. O Capitão Good deduziu que a obra teria sido longa no passado, cruzando talvez até o deserto. Quem sabe se alguma erupção vulcânica não destruíra aquela parte, cobrindo-a com lavas?

— Pois eu acho que foram os egípcios que a construíram, e não Salomão — opinou *Sir Henry*. — Olhem os arcos sobre o rio! E os desenhos nos muros!

A cada passo que dávamos, a temperatura ficava mais agradável. Logo paramos à beira de um riacho para nova refeição de carne de veado — só que dessa vez assado numa ótima fogueira. Após o succulento almoço, *Sir Henry* e eu fomos **FAZER A SESTA**. E é claro que, enquanto isso, o Capitão Good não iria perder a oportunidade de recompor o visual.



PARADISÍACA: magnífica, divina, bem-aventurada



FAZER A SESTA: tirar um cochilo à tarde, depois do almoço

Ele se aproximou da água, tirou as botas e as roupas, e banhou-se como se estivesse numa banheira. Dobrou as calças para desamassá-las, lustrou as botas com sebo de veado, foi lavar a dentadura na água corrente. Finalmente, usando uma navalha e um espelho, começou a **ESCANHOAR** a longa barba de vários dias.

Já tinha raspado o lado esquerdo do rosto e preparava-se para fazer o mesmo na outra face quando um **DARDO** passou assobiando sobre sua cabeça, cravando-se na árvore onde ele havia pendurado o espelhinho. O susto fez o capitão interromper o gesto. *Sir Henry* e eu acordamos. Então vimos...

A poucos passos, vários homens nos olhavam com ar ameaçador. Tinham a pele cor de cobre e eram mais altos que os nativos da África que eu conhecia. Um rapaz muito jovem mantinha o braço esticado, sinal de que acabara de atirar o dardo. Um senhor falou-lhe numa língua que não entendi. Parecia estar reprimendo-o.

— Nossas espingardas e rifles, depressa! — gritou *Sir Henry*.

Umbopa e eu pegamos as armas e as apontamos para os **INTRUSOS**.

Capítulo 5

ENCONTRO COM OS KAKUANAS

Mas os homens continuaram avançando, sem aparentar medo algum. Compreendi que não conheciam armas de fogo. Pedi aos companheiros para baixá-las e mudei de tática, falando no idioma zulu:

— Bem-vindos, amigos.

Eles entenderam, pois o mais velho respondeu, numa língua parecida:

— Bem-vindos. Quem são vocês?

Disse que éramos estrangeiros e vínhamos de longe. Ele estranhou a cor da nossa pele, indagando por que três de nós éramos brancos e o outro — Umbopa — tinha a pele igual à deles. Respondi que Umbopa era nosso criado, mas o homem não pareceu convencido.

— Você está mentindo — afirmou. — Estrangeiros não conseguem cruzar as montanhas. Vocês vão morrer, porque ninguém entra na terra dos kakuanas.

Já avançavam sobre nós com as facas, quando um descuido do Capitão Good nos salvou a vida. A dentadura dele caiu da boca. Como se fizesse um feitiço, o capitão a recolocou no lugar, deixando os nativos **BOQUIABERTOS**.



ESCANHOAR: barbear-se



DARDO: pau com pequena lança de ferro na ponta, que se atira com a mão



INTRUSO: enxerido, metido; que aparece sem ser chamado



BOQUIABERTO: perplexo, abismado





— Agora já sei, vocês são espíritos! — disse, tremendo, o chefe do grupo. — Não existe criatura nascida de mulher capaz de tirar e pôr os dentes, nem de enxergar com olho de vidro.

Ele se referia ao monóculo do capitão. Que sorte! Os mesmos homens que havia pouco queriam nos matar caíram de joelhos aos nossos pés, fazendo reverências e **MESURAS**. Aproveitei-me da situação para impor respeito.

— É verdade, somos espíritos vindos das estrelas. Querem outra prova? Já viram criatura nascida de mulher que mata de longe, com ruído de trovão?

Diante dos olhares incrédulos, derrubei um veado com um único tiro.

— Se duvidarem de nós, terão o mesmo fim — ameacei.

O nativo mais velho desculpou-se **COM VEEMÊNCIA**, certo de estar diante de espíritos mágicos, e nos convidou para acompanhá-lo.

— Não tenho mais dúvidas, filhos das estrelas! Os feitiços do meu povo não são tão poderosos... — curvou-se com humildade, antes de se apresentar. — Meu nome é Infadus, filho de Kafa, velho rei dos kakuanas. E este é Scragga, filho do rei Tuala, nosso soberano — apontou o rapazinho que atirara o dardo.

A cidade real dos kakuanas, Lu, sede do palácio de Tuala, ficava a três dias de caminhada. Os nativos puseram nossas bagagens nas costas, evitando tocar nas armas, que olhavam com pavor. Tentando nos agradar, carregaram até as calças do Capitão Good, deixando o pobre homem inconformado.

— Minhas roupas, por favor!

Dava pena ver o capitão, tão elegante, só de camisa e botas, as pernas brancas à mostra e um lado do rosto sem barbear. Mas eu fui enérgico:

— Eles acreditam que sua aparência esquisita é própria de um espírito. Contenha-se, capitão, para não pôr tudo a perder!


No caminho, Infadus tratou-nos com amabilidade. Fizemos perguntas sobre os kakuanas, e ele resumiu a história de seu povo.

Os kakuanas tinham vindo do norte e se estabelecido naquelas terras férteis havia milhares de anos. Cultivavam a tradição de grandes guerreiros. Seu exército atual contava com 100 mil homens. Mas fazia muito tempo que não guerreavam com outras tribos. A última batalha ocorrera 30 anos antes.

— E foi irmão contra irmão, entre nosso próprio povo — contou Infadus.

A razão do desentendimento começou quando seu pai, Kafa, teve dois filhos gêmeos com a esposa preferida. A mãe de Infadus não era nobre, por isso ele não tinha direito ao trono. Os costumes dos kakuanas mandam que o gêmeo que nasce por último deve ser sacrificado. Assim, Imotu, o primeiro, herdaria o trono, enquanto Tuala, o segundo, seria morto.

 **MESURA:** cumprimento, reverência, cortesia

 **COM VEEMÊNCIA:** com ímpeto, com vigor, com energia

Para evitar a morte do bebê, a mãe entregou Tuala à feiticeira Gagula, que o criou longe do reino. Quando Kafa morreu, Imotu tornou-se o rei, casou-se e teve um filho, Ignosi, que seria o novo herdeiro. Nessa época, os kakuanas lutavam contra as tribos do norte, que invadiram suas terras. Ganharam a guerra, mas passaram por um período de muita fome, sem colheitas.

Gagula aproveitou-se do descontentamento do povo para trazer Tuala de volta à aldeia e apresentá-lo como o verdadeiro rei. Disse que a miséria era um castigo por terem no poder um falso soberano. Parte da população acreditou nela e aclamou Tuala o novo rei. Tuala matou Imotu, que estava doente em seu leito. A mulher de Imotu fugiu com a criança, Ignosi, pelas montanhas...

— Então, se Ignosi estivesse vivo, seria ele o verdadeiro rei? — indaguei.

— Sim — confirmou Infadus. — Para isso, ele teria de mostrar a marca real, uma serpente tatuada junto do umbigo. Mas esse homem nunca apareceu.

Umbopa não perdia uma palavra do que dizíamos. Seus olhos brilhavam de um jeito estranho. Chegávamos a uma grande aldeia fortificada. Milhares de guerreiros nos saudaram.

— Não tenham medo, são do meu **REGIMENTO** — Infadus nos tranquilizou. — Vieram recebê-los na entrada da minha aldeia, onde passaremos a noite.

Os homens eram figuras magníficas. Altos e fortes, usavam **COCARES** de penas pretas na cabeça; na cintura e no joelho direito, faixas, de onde pendiam rabos de boi brancos. **ESCUDOS** e facas eram os armamentos. A aldeia também nos pareceu bonita, com casas espaçosas e comida de qualidade.

Dois dias depois, do alto de uma colina, avistamos Lu, a cidade real. Era grande e cercada por uma **PALIÇADA**. Junto conosco, vinham vários batalhões. Infadus explicou que era época da grande festa anual dos kakuanas.

— Tempo de caça aos bruxos... — disse, **ENIGMATICAMENTE**.

A Estrada de Salomão terminava ali. Ao longe, viam-se três montes.

— São As Três Feiticeiras — contou Infadus. — É onde estão enterrados os membros da família real. Gagula diz que também era lá que os homens do norte procuravam certas coisas...

Não pude conter minha excitação e curiosidade.

— Que coisas eram essas? — arrisquei.

— Os senhores, que vêm das estrelas, devem saber...

— Talvez pedras brilhantes e metal amarelo... — disse, cautelosamente.

Estava claro que Infadus não queria falar no assunto.



REGIMENTO: conjunto de tropas sob o comando de um chefe militar



COCAR: penacho que se usa na cabeça ou preso no chapéu



ESCUDO: arma defensiva para proteger de golpes de lança ou de espada



PALIÇADA: tapume feito com estacas fincadas na terra, para proteção do lugar



ENIGMATICAMENTE: misteriosamente, incompreensivelmente



— Acho melhor tratar disso com Tuala ou Gagula — ele cortou com frieza minhas palavras, depois virou as costas e se afastou.

Cheguei perto dos meus companheiros, apontei os montes e disse em inglês:

— Vejam, amigos! Lá estão as Minas do Rei Salomão...

Capítulo 6

UMBOPA É O VERDADEIRO REI

Em Lu, nos instalaram numa cabana. Depois de descansar um pouco, fomos levados à presença de Tuala. O soberano dos kakuanas era uma criatura **HEDIONDA**. Tinha um olho só, e seu corpo gordo e **DISFORME** estava coberto por um colete de malha metálica. Trazia uma corrente de ouro no pescoço e um diamante incrustado no cocar. Rabos de boi branco pendiam de suas vestes.

Chegou acompanhado do filho Scragga e de um ser estranhíssimo, que parecia um macaco. Era a feiticeira Gagula. Ela se posicionou no chão, aos pés do rei, enquanto o filho se mantinha de pé atrás da cadeira real. Estávamos num pátio circular de terra batida, onde milhares de guerreiros **PERFILAVAM-SE**.

Indicaram-nos assentos para sentar. A um sinal do rei, todos levantaram suas lanças e gritaram:

— Viva Tuala!

Nesse primeiro contato, já tivemos uma amostra da crueldade de Tuala. Um infeliz soldado teve o azar de derrubar seu escudo. Foi o suficiente para o rei mandar Scragga matá-lo. Com um riso sádico, o rapaz fez pontaria e atirou. Tive de segurar *Sir Henry*, que mirou Tuala com sua espingarda.

— Não podemos intervir. Seríamos quatro contra milhares — adverti-o.

Guerreiros levaram o cadáver. Tuala dirigiu-se a nós num tom frio e áspero:

— Quer dizer que se julgam filhos das estrelas... Cuidado, gente branca! Podem ter o mesmo fim que esse cão que Scragga acaba de matar.

— Cuidado é você quem deve ter, Tuala! Não lhe disseram que somos capazes de matar a distância, com o barulho do trovão?

— Sim, mas não acredito! Matem um dos meus homens, então!

— Não derramamos sangue humano em vão — respondi. — Mande trazer um boi. — E, como ele relutasse, sugeri: — Ou, se preferir, seu filho Scragga...

 **HEDIONDA:** horrorosa, asquerosa, sórdida

 **DISFORME:** sem forma

 **PERFILAVAM-SE:** colocavam-se em linha; alinhavam-se



Vendo o filho tremer de pavor, o rei mandou trazer um **NOVILHO**, que Sir Henry fulminou imediatamente com um tiro. Antes que o rei se refizesse do susto, estilhacei a ponta de uma estaca no meio do pátio e ameacei:

— Viemos em paz, Tuala... Mas, se encostar um só dedo em um de nós, já viu o que vai acontecer...

Nessa hora Gagula levantou, caminhou sobre as quatro patas. Era medonha! Muito velha, mãos **ENCARQUILHADAS** e longas unhas pretas no fim dos dedos encurvados. O crânio era pequeno e sem um fio de cabelo.

— Que querem, homens brancos? — disse, com a voz **ESGANIÇADA**. — Sinto cheiro de traição, de sangue, de desgraça... O único homem branco que apareceu nestas terras morreu depois de ver o tesouro.

Aproximando-se de Umbopa, a feiticeira cheirou-o e começou a tremer.

— Parece que conheço este aqui... Reconheço o cheiro do seu sangue...

Gagula desmaiou e um grupo de mulheres recolheu-a, deixando Tuala preocupado. Como se refletisse em voz alta, o rei falou em tom de ameaça:

— Gagula adivinha desgraças... Acho que devo matá-los...

— Pois tente — respondi, ameaçador. — Já viu do que somos capazes.

O soberano pareceu dar-se por vencido e ordenou que nos retirássemos. Ao menos até o dia seguinte, quando começaríamos as festas, estaríamos salvos. Infadus levou-nos de volta à cabana e entrou para conversar. Falamos sobre a monstruosidade de Tuala, e Infadus disse que ainda não tínhamos visto nada.

— Na festa, Gagula soltará suas ajudantes, as farejadoras. São bruxinhas que andam entre o povo farejando e apontando os traidores. É só o rei cobiçar as terras ou o gado de alguém para a pessoa ser taxada de inimiga e executada.

Indaguei por que não **DEPUNHAM** Tuala. Infadus disse que Scragga era ainda pior que o pai. Se Ignosi não tivesse morrido, seria a salvação...

— E quem disse que Ignosi está morto?

A voz que falava vinha do fundo da cabana. Era ninguém menos que... Umbopa! Ele se adiantou e contou uma história extraordinária:

— Na noite em que fugiram, mãe e filho não morreram — disse, diante de nossos olhos perplexos. — Eles cruzaram as montanhas e o deserto, viveram entre os zulus e depois no sul. Até que a mãe ficou velha e morreu. O filho foi viver entre os brancos e aprendeu muitas coisas. Agora voltou a pisar a terra do seu povo e está aqui na sua frente, meu tio Infadus...

Dizendo isso, Umbopa arrancou as roupas e exibiu a tatuagem na linha



NOVILHO: boi ainda novo, bezerro



ENCARQUILHADA: enrugada



ESGANIÇADA: em tom agudo e estridente



DEPUNHAM: despojavam de um cargo ou de uma posição elevada





da cintura: uma serpente com o rabo e a cabeça unidos. Não havia dúvida sobre sua identidade. Aquela era a marca real. Infadus ajoelhou-se a seus pés.

— Ignosi, filho de Imotu, rei dos kakuanas! — exclamou, emocionado.

— Levante-se, tio. Ainda não sou rei. Mas posso sê-lo, se me ajudarem.

Infadus colocou seus braços e sua lança à disposição do sobrinho, até a morte. Umbopa, ou Ignosi, quis saber se podia contar com os brancos e suas armas que tropejavam. Prometemos ajudá-lo, desde que ele nos auxiliasse na busca do irmão de *Sir Curtis*, depois que ganhasse a guerra. Ele concordou.

— E de que forma pretende reconquistar o poder, Ignosi? — perguntei.

Infadus tinha um plano. Falaria com os principais chefes guerreiros.

— Tendo-os ao nosso lado, serão 20 mil lanças de combate — avaliou.

Fomos interrompidos por um mensageiro real, trazendo de presente aos “homens das estrelas” coletes de malha como proteção contra ataques. Fomos para a festa, acompanhados de Infadus. Tuala, Gagula e Scragga entraram com 12 gigantes de ar feroz, armados até os dentes. Eram os matadores. O rei mandou que tomássemos nossos lugares e anunciou:

— Homens brancos, agora vocês verão um grande espetáculo!

Capítulo 7

A GRANDE MATANÇA

Tuala fez um sinal e dez velhas surgiram do fundo da paliçada, portando varas com **FORQUILHAS** nas pontas.

— Vão, farejadoras, cumprir a justiça dos céus... — disse Gagula.

As velhas circularam entre os regimentos. Mal apontavam a vara para alguém, o infeliz era levado pelos matadores reais e liquidado a golpes de faca. Gagula, Tuala e Scragga deliciavam-se a cada nova condenação, berrando:

— Mata! Mata! Mata!...

Os mortos já ultrapassavam uma centena e o sangue cobria toda a terra. Subitamente, Gagula apontou para Umbopa:

— Levem este! Matem-no! Ele cheira a desgraça...


Eu tinha que interferir antes que fosse tarde demais. Gritei para Tuala:


— Exijo que proteja o servo dos seus hóspedes!

— Se Gagula o apontou, é porque deve morrer — respondeu o rei.

Saltei sobre Tuala, encostando o revólver em sua cabeça. *Sir Henry* e o Capitão Good fizeram o mesmo com Gagula e o chefe dos matadores.

— Pare com a **CARNIFICINA** ou vocês três serão mortos!

 **FORQUILHA:** pau ou tronco bifurcado

 **CARNIFICINA:** assassinato, matança

O rei mandou baixarmos as armas e liberou Umbopa. Fomos para a cabana, onde logo depois chegaram Infadus e os chefes guerreiros.

Todos ouviram a história de Ignosi. Mas a serpente tatuada no umbigo não foi suficiente para convencê-los de que ele era filho de Imotu. Queriam outras provas. Mas de que tipo?

O Capitão Good teve uma ideia. Chamou-nos à parte para **CONFABULAR** e disse que lera no calendário que um eclipse solar visível na África ocorreria no dia seguinte, às duas horas da tarde. Reuni os chefes e resolvi arriscar:

— Acho que temos a prova que desejam. Amanhã, depois do meio-dia, vamos apagar a luz do sol. O escuro tomará conta de tudo. Isso basta?

— Sim. Se fizerem isso, lutaremos ao lado de Ignosi — disseram.

Infadus traçou um plano de ação. No dia seguinte, depois do meio-dia, aconteceria a *Dança das Virgens*, cerimônia em que Tuala escolheria a mais linda jovem para ser sacrificada aos espíritos da montanha, os *Silenciosos*.

— Se nesse momento os homens brancos apagarem o sol, o povo acreditará que Ignosi é filho de Imotu e nos apoiará — disse Infadus aos chefes. — Levem seus soldados para a colina ao sul da cidade, onde estarei com meus homens. Lá iniciaremos a luta contra as tropas fiéis a Tuala.

Descansamos até o outro dia, quando Tuala mandou buscar-nos para a *Dança das Virgens*. Fomos vestidos com as malhas metálicas e levando toda a nossa munição. Na praça, um grupo de moças lindas se exibia dançando.

— Qual delas é a mais bonita? — perguntou-me Tuala.

— A primeira — respondi, sem pensar. Arrependi-me na mesma hora.

— Concordo com seu gosto. É essa que vai morrer — decidi o rei.

Dois matadores agarraram a moça. Ela se debatia e chorava, implorando por **CLEMÊNCIA**. O Capitão Good se comoveu e correu em sua direção.

— Como você se chama?

— Fulata, senhor. Por favor me salve...

Gagula avançou com fúria para Fulata. Olhei o céu e vi a nossa salvação chegando... Uma pequena mancha começava a cobrir o sol. Gritei:

— Deixem a garota em paz! Para provar que não estamos brincando, vou apagar o sol agora mesmo. Seu reino ficará nas trevas. Largue a moça, vamos!

— É mentira desse **EMBUSTEIRO!** — gritou a velha feiticeira Gagula.

Levantei o braço em direção ao sol e comecei a falar palavras em inglês. *Sir Henry* e o Capitão Good imitaram-me. O eclipse avançava. O pânico instalou-se entre a multidão. Guerreiros jogavam-se no solo, mães fugiam com crianças nos braços, velhos corriam para esconder-se nas cabanas. Tuala e Scragga mantinham os olhos fixos no céu, enquanto Gagula berrava:

 **CONFABULAR:** trocar ideias secretamente, maquirar, tramar

 **CLEMÊNCIA:** indulgência, bondade, perdão

 **EMBUSTEIRO:** mentiroso, falsificador





— Isso passará! Não acreditem neles!

Vendo seu reino mergulhar nas trevas, Scragga levantou a lança e desferiu um golpe no peito de *Sir Curtis*, que, por estar protegido pela malha metálica, nada sofreu. Mas o barão revidou o ataque, varando-lhe o coração. Na escuridão, a terra dos kakuanas recebeu o corpo inerte do filho do soberano. Scragga estava morto.

Capítulo 8

VITÓRIA DE IGNOSI

A multidão corria para todos os lados. Tuala tratou de correr também. Foi em direção à cabana real, enquanto Infadus nos guiava para fora da cidade, com os outros chefes guerreiros. A jovem Fulata veio conosco.

Quando alcançamos o alto da colina, o sol já voltara a brilhar. O lugar escolhido por Infadus era **ESTRATÉGICO**. Dali podíamos avistar Lu e seus arredores. Era uma vantagem para nossos 20 mil homens, que iriam enfrentar um exército com o triplo de soldados.

Infadus colocou-se à frente das tropas, com Ignosi, os chefes guerreiros e nós, brancos, e repetiu-lhes a história do verdadeiro rei. Lembrou a fuga de Ignosi menino, o **DESPOTISMO** de Tuala e concluiu:

— Os três filhos das estrelas viram a tristeza dos kakuanas e trouxeram nosso soberano de volta. Vocês testemunharam seus poderes. Pois eles lutarão ao nosso lado, com suas armas trovejadoras, e venceremos!

Os 20 mil soldados saudaram o novo rei, batendo os pés no chão. Dava para ver, ali do alto, as tropas de Tuala reorganizando-se. Eu quis saber como Infadus pretendia impedir o ataque delas. O tio de Ignosi estava confiante:




— Meus soldados são menos numerosos, porém mais experientes. Temos os pardos, assim chamados por causa da cor do cocar. A **ELITE** do reino!

Na manhã seguinte, as tropas de Tuala nos atacaram por três lados ao mesmo tempo. Usando os rifles e a inteligência, conseguimos vencê-las. Com sua força descomunal, *Sir Henry* destacou-se na luta corporal com o inimigo, comportando-se como autêntico kakuana. Mas perdemos 2 mil guerreiros...

Enquanto enterrávamos os mortos e tratávamos dos feridos, mais e mais tropas chegavam a Lu para reforçar o exército de Tuala. Acamparam ao pé da colina, com a intenção de nos vencer pela fome e pela sede. Os chefes dos regimentos se reuniram para avaliar a situação. Ignosi pediu minha opinião.

— Você é o rei, Ignosi. A decisão é sua.

— *Macumazahn* é sábio e viveu mais que eu. Farei o que achar melhor.

-  **ESTRATÉGICO:** tático; escolhido com esperteza e habilidade
-  **DESPOTISMO:** tirania, opressão
-  **ELITE:** alta sociedade, nata, aristocracia

— Sendo assim, penso que devemos atacar — **PONDEREI**, vaidoso pela distinção. – Eles não esperam ser agredidos por isso teremos a vantagem de pegá-los de surpresa. Além do mais, é melhor morrer lutando do que de fome e sede...

Durante a madrugada, o exército de Ignosi desceu a colina e atacou as tropas com êxito. Avançamos então sobre Lu, divididos em quatro pelotões, e depois de duas horas tomamos a capital.

— Ai, que dor! Acho que fui ferido por uma facada — disse o Capitão Good, mancando de uma das pernas.

Impossível parar naquele momento. Ainda faltava o principal: pegar Tuala.

Na cidade **DEVASTADA**, os raros homens fiéis ao rei vencido se renderam. Tuala estava no trono, com Gagula aos seus pés. Fixou o único olho em Ignosi:

— Quer dizer que este traidor é o novo rei! Você, que foi meu hóspede e comeu da minha comida, o que pretende fazer comigo?

— O mesmo que você fez com meu pai no passado, **USURPADOR!**

— Muito bem. Mas eu quero morrer lutando.

Ignosi mandou-o escolher um adversário. Tuala não havia esquecido a morte de Scragga e apontou *Sir Henry*. Foi uma luta **MEMORÁVEL**. Vestido de guerreiro africano, o inglês atacou o monstro com a machadinha. Embora mais baixo, Tuala era tão forte quanto ele. Revidou os golpes e destruiu a arma do adversário. Parecia que *Sir Henry* estava perdido. Começou então um corpo a corpo, com ambos rolando pela terra. Mediram forças durante muito tempo, até que *Sir Henry* conseguiu alcançar seu facão. Com um único golpe, acertou a cabeça de Tuala, que se despreendeu do corpo e rolou pelo chão.






Capítulo 9

O TESOURO DE SALOMÃO

Ignosi nos destinou os aposentos que foram de Tuala no palácio real. Estávamos cansados e feridos. A perna do Capitão Good tinha um corte profundo e começava a infeccionar. O capitão ardia em febre e delirava.

A jovem Fulata nos fazia companhia, ajudando-nos com **PRESTEZA** e competência. Quando o capitão piorou, tornou-se sua sombra, cuidando de *Buguan*, como o chamava, com exemplar dedicação.

Ignosi vinha nos ver diariamente. Perguntei-lhe se descobrira algo sobre o irmão de *Sir Henry*. Talvez Infadus soubesse dele. Ignosi negou:

-  **PONDEREI**: avaliei, pesei, estimei
-  **DEVASTADA**: arrasada, destruída
-  **USURPADOR**: ladrão, impostor, intruso
-  **MEMORÁVEL**: inesquecível, que fica na memória
-  **PRESTEZA**: agilidade, prontidão





— Infelizmente, ninguém nunca viu um branco por aqui. Infadus saberia, pois sua aldeia é a primeira. O irmão de *Sir Henry* teria de passar por ela.

— E Gagula? — sugeri. — Ela conhece muitos segredos...

— É verdade. Mandei prendê-la e vigiá-la. Vou obrigá-la a falar...

Durante nove dias, o Capitão Good esteve entre a vida e a morte. Graças aos cuidados de Fulata, um dia acordou. Uma semana depois, já passeava de braços dados com a jovem pelo pátio, recuperando-se **A OLHOS VISTOS**. Ignosi só esperava ele ficar fora de perigo para promover a festa da coroação.

Numa bela manhã, o novo soberano foi coroado numa solenidade que emocionou a todos. Os soldados que se destacaram foram promovidos a oficiais e ganharam terras e gado. E nós, brancos, fomos contemplados com honras reais.

— Chegou a hora de conhecerem as Minas do Rei Salomão, homens das estrelas! — avisou-nos Ignosi, no dia seguinte. — Elas estão situadas na base das estátuas que chamamos *Os Silenciosos*. Ali fica também a *Morada da Morte*, uma câmara secreta onde dormem nossos antepassados. A entrada das minas, porém, é protegida por um segredo que apenas Gagula conhece. É por isso que terei de mandar a feiticeira com vocês.

Ignosi mandou trazer Gagula à sua presença.

— Ah, maldito! Vou liquidá-lo com meus feitiços...

— Eles não me atingem, eu sou mais forte — refutou Ignosi, decidido. — E lhe ordeno que leve os homens brancos para ver as pedras que brilham...

— Ah, ah, ah! — grasnou Gagula. — Ninguém pode me obrigar.

— Ah, não?!... — desafiou-a Ignosi, pegando uma lança e cutucando as carnes da bruxa com a ponta afiada. — Desobedeça que eu a matarei...

— Está bem, mostrarei o tesouro aos brancos, mas a desgraça se abaterá sobre eles... Como aconteceu há muito tempo!... Gagula levou um homem branco até a câmara das pedras que brilham... E ele não resistiu...

— Mentirosa! Isso aconteceu há dez gerações! — gritou Ignosi.

Gagula deu uma gargalhada macabra:

— Ah, ah, ah!... E você sabe quantos anos eu tenho? Ou talvez fosse a minha mãe... Ou quem sabe a minha avó... Nem lembro mais...

Partimos acompanhados por Infadus, um pelotão de soldados e vários criados, além de Fulata, que não desgrudava do Capitão Good nem um minuto. Gagula seguia numa **LITEIRA**, fortemente **ESCOLTADA**. Três dias depois, chegamos às montanhas As Feiticeiras, onde paramos para **PERNOITAR**.

- 👁️ **A OLHOS VISTOS:** visivelmente, claramente
- 🪑 **LITEIRA:** espécie de cadeirinha coberta, sustentada por duas longas varas e conduzida por dois homens ou animais, um na frente e outro atrás
- 🛡️ **ESCOLTADA:** acompanhada, guardada
- 🛌 **PERNOITAR:** dormir

Na manhã seguinte, vimo-nos diante de um fosso de um quilômetro de diâmetro. Rodeamos o buraco e encontramos três gigantescas estátuas, representando uma mulher e dois homens, com expressões de terrível crueldade talhadas na pedra.

— Então estes são *Os Silenciosos*, semideuses adorados pelos kakuanas — comentei com os companheiros, chamando sua atenção para um detalhe: — Vejam o fosso! É parecido com os que existem em minas de ouro de outras regiões onde estive. No passado deve ter havido uma escavação por aqui.

A caverna começava naquele ponto. Infadus ofereceu-nos uma refeição, mas recusamos. Tínhamos pressa em descer. Fulata preparou uma cesta com comida e bebida para levarmos e deu o braço ao capitão. Gagula foi retirada da liteira pelos soldados. Encarou Infadus e zombou:

— Então, Infadus, está com medo? Não vem conosco?

O tio de Ignosi respondeu que, em respeito aos *Silenciosos*, esperaria do lado de fora. Mas a feiticeira que se cuidasse...

— Não tente aprontar, Gagula. Sou responsável pela segurança dos amigos do rei. Se alguma coisa acontecer, você terá uma morte horrível...

Gagula pegou uma **LAMPARINA**, voltou-se para nós e desafiou-nos:

— Quer dizer que estão prontos, homens das estrelas? Pois preparem os nervos e os corações. O espetáculo vai começar...

Capítulo 10

NAS ENTRANHAS DA TERRA

Orientando-nos pela **TÊNUE** claridade da lamparina, mergulhamos — Sir Henry, o Capitão Good, Fulata e eu — na escuridão da caverna, escavada na montanha. Morcegos esvoaçavam sobre nossas cabeças. Poucos metros à frente, o caminho terminava num salão deslumbrante. Como uma catedral **GÓTICA**, o cômodo era iluminado por uma luz **DIFUSA**, que deixava ver grossas colunas de **ESTALAGMITES**, formadas pela ação de gotas d'água pingando do teto havia milhões de anos. Gagula disse com voz cavernosa:


— Agora, a Morada da Morte, senhores!

 **LAMPARINA:** pequena lâmpada a óleo ou querosene, que oferece luz fraca

 **TÊNUE:** fraca, suave

 **GÓTICA:** referente a um estilo arquitetônico do século XV, caracterizado por elementos decorativos de forma alongada

 **DIFUSA:** espalhada

 **ESTALAGMITE:** precipitado mineral alongado, formado em caverna ou subterrâneo, resultante de respingos caídos do teto



Atravessamos um corredor estreito que começava num canto do salão e logo se alargava novamente, levando a uma segunda câmara, bem menor que a primeira. Um uivo de horror saiu de nossas gargantas ao pisarmos ali...

Sentada sobre uma comprida mesa de pedra estava *A Morte*. Quer dizer, uma estátua de uns cinco metros de altura, representando a morte. Tratava-se de um esqueleto de ossos muito brancos, segurando uma lança na mão direita. A lança estava apontada para quem entrava. Ou seja, para nós...

Não bastasse aquela imagem sinistra, havia também vários cadáveres debaixo da mesa. A bruxa contou que eram os corpos dos reis do império kakuana desde o início dos tempos, **PETRIFICADOS** por causa das gotas d'água com **SÍLICA** que formavam as estalagmites. O cadáver de Tuala estava entre eles, com a cabeça decepada no colo, provavelmente levado pela velha feiticeira. Com o tempo, viraria pedra. Um espetáculo horripilante!

Aproximando-se do corpo de Tuala, Gagula concentrou-se numa espécie de oração, resmungando baixinho. *Sir Henry* tirou-a de sua concentração:

— Vamos em frente, feiticeira! Não tente nos enganar!

Com má vontade, a bruxa nos levou até a parede dos fundos da câmara. Por ali não havia nenhum caminho. De repente, as 30 toneladas de pedra começaram a se mover... Com olhos arregalados, vimos a espessa parede levantar-se e desaparecer no alto da gruta como num passe de mágica. Decerto havia algum mecanismo para abri-la, mas a bruxa **ACIONOU-O** tão discretamente que nem notamos.

— Vou esperar aqui, *Buguan* — disse Fulata, tiritando de pavor.





Fulata sentou no chão, cerca de dez metros além da laje de pedra, e nós seguimos em frente. A bruxa abriu uma porta de madeira que dava para um terceiro cômodo e iluminou-o com a fraca luz do candeieiro.

— Aqui estamos, homens das estrelas! Contentes? — A voz de Gagula era **SARCASMO** puro. — Vão conhecer riquezas que um único homem branco viu até hoje. Pena que não sobreviveu para contar! Nenhum rei kakuana jamais ousou entrar neste recinto! Vocês insistiram... Vamos, peguem a bolsa de couro que está no chão. O branco a deixou cair há centenas de anos...

O Capitão Good fez o que ela mandava. A bolsa pesava muito.

— Os diamantes de José da Silvestra! — exclamou o capitão.

— Ah, sabem o nome dele, então... Pois terão o mesmo fim...

-  **PETRIFICADO**: transformado em pedra
-  **SÍLICA**: elemento químico conhecido por dióxido de silício, abundante na crosta terrestre
-  **ACIONOU-O**: ligou-o, fê-lo funcionar
-  **SARCASMO**: zombaria, ironia, deboche

Não ligamos a mínima para as ameaças, tão fascinados que estávamos. Os diamantes eram uma pequena amostra do conteúdo da caverna. Havia mais, muito mais! De um lado, presas de elefante até o teto. De outro, caixas repletas de moedas de ouro. No fundo da câmara, três arcas com diamantes, de incalculável valor.

— Somos os homens mais ricos do mundo! — festejei.

— Nossos diamantes inundarão Londres! — comemorou o capitão.

— Sim — ponderou *Sir Henry*. — Desde que consigamos tirá-los daqui.

As palavras do barão nos trouxeram de volta à realidade. Estávamos nas entranhas da terra, num buraco escuro e lúgubre, à mercê de uma bruxa que... Aliás, onde estava Gagula?...

— *Buguan*, a pedra está baixando! Socorro! Socorro! — gritou Fulata.

Com um arrepio na espinha, corremos para o ponto em que a laje de pedra tinha subido e deparamo-nos com Fulata e Gagula **ENGALFINHADAS**, lutando.

— Ela me esfaqueou, *Buguan* — A pobre moça, ensanguentada, ainda se agarrava com força às roupas da bruxa para impedi-la de fugir.

Em questão de segundos, Gagula livrou-se de Fulata e correu para a porta de pedra, que a essa altura estava praticamente no chão. Esgueirando-se pela fresta, a feiticeira fez um esforço para escapar, porém em vão... Seus gritos tenebrosos ressoaram por toda a caverna, enquanto 30 toneladas de pedra a esmagavam, prensando-a contra o solo. Um fim merecido...

Fulata correu para os braços do Capitão Good, meio desfalecida. Com enorme esforço contou o que tinha acontecido. Gagula havia passado por ela e voltado à Morada da Morte para acionar o mecanismo da porta. Ela percebeu e gritou. Gagula voltou e a apunhalou. O restante, nós vimos...

— Estou morrendo, *Buguan*... — gemia a bela kakuana. — Eu o amo desde o primeiro momento em que o vi... Vou para as estrelas agora... Lá de cima, continuarei olhando por *Buguan*...

Sir Henry e eu olhávamos a cena, condoídos. O capitão soluçou:

— Ela está morta, vejam...

Sir Henry examinou tudo ao redor, procurando uma abertura na rocha. Não havia nenhuma. Era como se nunca tivesse existido uma porta ali.

— Não chore, capitão. Logo estaremos com Fulata — disse ele.

— Como assim? — perguntei, **ATURDIDO** com tantas emoções.

— Estamos presos dentro desta caverna. Gagula nos enterrou vivos!!!



ENGALFINHADA: agarrada, atracada (ao adversário)



ATURDIDO: zozzo, confuso



Capítulo 11

TENTANDO ACHAR UMA SAÍDA

Sir Henry e eu continuamos buscando um jeito de sair dali, mas em vão. Olhamos o relógio. Eram 6 horas da tarde.

— Descemos às 11 da manhã. Logo *Infadus* estranhará nossa demora e virá nos procurar — animou-nos o Capitão Good.

— Duvido. Ele não sabe que existe a pedra móvel — disse *Sir Henry*.

Decidimos voltar para a câmara do tesouro, com o corpo de *Fulata* e o cesto de comida. Dividimos os alimentos e a água em porções mínimas, pois isso nos permitiria sobreviver alguns dias. E se existisse uma saída nesse cômodo? Vasculhamos por tudo, sem achar nada. Para completar, o candeeiro apagou.

Aquela noite no **BREU** da gruta foi a pior da minha vida. Não se ouvia o menor ruído nem se via sinal de claridade. Era como se já estivéssemos mortos.

— Quantos fósforos ainda temos, Capitão Good? — perguntou *Sir Henry*.

O Capitão Good tateou no bolso e contou oito. Acendemos um para ver as horas. Estava amanhecendo. Já certos da morte próxima, concordamos com a sugestão do capitão. Ele ficaria perto da porta de pedra, gritando por socorro.

Nem sei quantas horas o capitão permaneceu junto ao paredão, berrando **IMPROPÉRIOS**. Tudo inútil! Eu já estava aceitando a ideia da morte, quando algo me ocorreu: se ainda continuávamos vivos depois de uma noite e dois dias ali dentro, devia haver renovação de ar no local. Do contrário, teríamos morrido.

— É verdade! O ar deve entrar por algum lugar! — concordou *Sir Henry*, esperançoso, pondo-se a vasculhar cada centímetro do recinto.

Trabalhamos arduamente. Uma hora depois, o Capitão Good nos chamou:

— Uma corrente de ar! *Quatermain* e *Henry*, ponham a mão aqui!

— Por Deus, estou sentindo! — gritei.




— Vamos acender mais um fósforo e ver... — disse *Sir Henry*.

A chama mostrou uma pedra de meio metro quadrado, com uma argola.

— Um **ALÇAPÃO!** — berramos os três juntos, na maior alegria.

Com sua navalha, o Capitão Good escavou o contorno da argola, que estava grudada na pedra. Quando conseguiu pôr a argola na posição vertical, quis levantar a tampa do alçapão. Mas o peso era tamanho, que parecia impossível movê-la dali. Sem desistir, o capitão voltou a usar a navalha para escavar o contorno do alçapão. Depois tirou o lenço do pescoço e passou-o pela argola.

— *Henry*, tente você, que é mais forte — disse. — *Quatermain*, agarre na cintura dele e ajude-o.

-  **BREU:** escuridão completa, absoluta
-  **IMPROPÉRIO:** injúria, praga, palavrão
-  **ALÇAPÃO:** tampa ou porta que fecha de cima para baixo e dá entrada a um porão



Assim fizemos, suando. De repente, vimos a pesada laje deslocar-se. Uma fresca corrente de ar soprou na câmara. Acendemos outro fósforo e vimos o primeiro degrau de uma escada de pedra. Resolvemos descer.

— Quatermain, pegue os restos de comida e de água — pediu *Sir Henry*.

Voltei para apanhar o cesto. Ao passar perto das arcas, resolvi levar uns diamantes. Por que não? Enchi os bolsos da calça e da jaqueta com um bom punhado deles, enquanto o capitão despedia-se do corpo sem vida de Fulata, dando-lhe o último beijo. Ali seria o túmulo da pobre moça kakuana...

Ao fim de 15 degraus, saímos num túnel que dava passagem para a direita e para a esquerda. Sem saber qual lado escolher, entramos ao acaso no corredor da direita. Durante horas tateamos as paredes e o chão, sem saber aonde o caminho nos levava. Parecia um **LABIRINTO** de galerias escavadas na rocha, seguindo os **VEIOS** de diamantes. Subitamente, ouvimos um ruído.

— Parece água corrente! — eu disse.

O Capitão Good apressou-se e passou à nossa frente. Escutamos um grito de socorro e... tchibum!!!... O som do corpo contra a água nos fez acender um dos últimos fósforos. O capitão estava agarrado a uma pedra e foi salvo graças à corda que *Sir Henry* lhe jogou. Aproveitamos para beber água e nos refrescar.

O rio ficava no fim da galeria. Resolvemos voltar pelo mesmo caminho e escolher, ao acaso, uma das muitas bifurcações do túnel principal. Foi a nossa salvação! Depois de andar mais uma hora, o capitão gritou:

— Vejam! Aquilo não é uma luz no fim do túnel?!

Muito além, uma claridade mostrava que estávamos no caminho certo. O corredor se estreitou e tivemos de andar **RASTEJANDO**. Por fim, o último susto antes de sair do ventre da montanha: rolamos por uma **RIBANCEIRA**.





Olhamos ao redor. Estávamos no fundo da cratera aos pés das estátuas Os Silenciosos, perto da entrada da caverna. Ainda tivemos forças para escalar o paredão de 100 metros que nos levou para fora da mina.

— Vejam! Aquele não é o acampamento de Infadus? — gritei.

O velho kakuana veio ao nosso encontro, sem esconder a alegria e o espanto.

— Ah, amigos, que susto me deram! — abraçou-nos o bravo guerreiro.

Fomos para Lu com ele. Após uma farta refeição, dormimos 48 horas seguidas e acordamos recuperados da aventura nas Minas de Salomão.

-  **LABIRINTO:** lugar com muitas divisões e de feitio complicado do qual é muito difícil sair
-  **VEIO:** parte da mina onde se encontra o mineral
-  **RASTEJANDO:** andando de rastos, abaixado
-  **RIBANCEIRA:** despenhadeiro, precipício

Capítulo 12

MISSÃO CUMPRIDA

Nas semanas seguintes, tentamos voltar ao local do tesouro. Procuramos localizar o buraco pelo qual saímos dentro do fosso, mas no paredão havia centenas deles, obra de formigas e outros bichos. Outra alternativa era entrar de novo na caverna. Conseguimos chegar até a *Morada da Morte*. Porém, da parede que levantava e desaparecia no alto, nem sinal...

Mesmo assim, estávamos felizes. Tínhamos sobrevivido a uma aventura única no mundo e ainda carregávamos um punhado de diamantes. Ignosi nos recebeu com festas e ficou muito contente com a morte de Gagula. Fiel ao que nos havia prometido, o rei tinha pesquisado, durante nossa ausência, a estada de Neville — ou George Curtis — na região, mas a informação era a mesma de antes: ninguém jamais ouvira falar de um branco naquele reino. Diante dessa notícia, nada mais nos prendia ali. Era hora de partir.

— Os homens das estrelas já têm as pedras que brilham e querem deixar Ignosi, não é? Foi só por causa das pedras que me ajudaram...

— Não fale assim, Ignosi! — refutei. — Quando estava entre os brancos, você não sentia saudade do seu povo? É o que acontece conosco agora. Mas nossos sentimentos por você não mudaram. Conte sempre com nossa amizade.

— *Macumazahn* tem razão — respondeu o soberano, com tristeza. — Vão em paz. Nunca os esquecerei. Esta terra jamais verá guerreiros tão corajosos como vocês. Se um dia voltarem, serão bem-vindos.

Ignosi deu ordem a Infadus para nos acompanhar com uma escolta até o meio do deserto. Saímos na manhã seguinte bem cedo. O séquito de guerreiros nos conduziu por um caminho diferente daquele pelo qual viemos — e bem mais fácil de atravessar. Na ida, tínhamos cruzado as montanhas de Soliman por um dos picos dos Seios de Sabá. Na volta, atravessamos pelo ponto onde os dois montes se encontram. E logo estávamos diante do areal.

Era o mesmo deserto, porém com outro aspecto. Havia oásis de tempos em tempos, deixando a paisagem mais amena. Infadus explicou que uma expedição kakuana que caçava avestruzes encontrara esse caminho por acaso, há centenas de anos, e desde então seu povo o utilizava.

— Talvez por isso a mãe de Ignosi tenha conseguido salvar-se com a criança — comentei com meus amigos.

No quinto dia de marcha, Infadus despediu-se. Um de seus homens nos acompanharia até o primeiro oásis e dali iríamos sozinhos. Ficamos tristes.

— Nunca estes olhos verão guerreiros como vocês — disse Infadus. — Eu jamais esquecerei como *Sir Henry* decepcionou com um único golpe a cabeça de Tuala e nos livrou daquele soberano cruel.



O Capitão Good ficou tão emocionado que presenteou Infadus com um monóculo que havia trazido de reserva, igualzinho ao dele. O chefe kakuana prendeu-o no olho o melhor que pôde e afastou-se, acenando.

Mais dois dias de viagem e alcançamos a paisagem verde do primeiro oásis. Ao chegar perto do poço, tive uma visão que parecia uma **MIRAGEM**.

— Não é possível. O que será aquilo? — disse para mim mesmo.

A visão consistia numa cabana rústica, construída com galhos de árvore. De repente, a porta se abriu e dela saiu um homem... branco! O Capitão Good e *Sir Henry* se aproximaram. O estranho nos encarava. Tinha uma longa barba e vestia-se com trapos.

O desconhecido deu um grito e veio, **COXEANDO**, precipitar-se nos braços de *Sir Henry*. Os dois homens se abraçaram longamente. Quando a emoção permitiu-lhe falar, o barão virou-se para nós e explicou:

— Este é George, meu irmão! Eu pensava que nunca mais o veria...

Um negro de cabelos grisalhos também saiu da cabana e encarou-me:

— Olá, *Macumazahn*. Não está me reconhecendo? Sou Jim, lembra-se? O senhor me deu um bilhete para entregar a meu amo. Mas eu perdi o papel e acabamos ficando aqui, já faz dois anos...

À noite, sentados em volta da fogueira, saboreamos a caça que George e Jim prepararam e ouvimos seus esclarecimentos. George contou que, dois anos antes, depois de nos despedirmos em Bamangwato, foi para Sitanda. Seu plano era cruzar o deserto, mas não sabia por onde. Jim não lhe falou sobre meu bilhete; só agora ele ficava sabendo da sua existência. Andando no deserto ao acaso, acabaram encontrando aquele oásis encantador. E resolveram ficar alguns dias ali antes de seguir em frente.




— Uma tarde, eu estava na beira do lago vendo Jim pegar mel produzido por abelhas selvagens — prosseguiu *Sir George*. — Por azar, uma grande pedra rolou sobre minha perna e me esmagou os ossos. Eu não podia mais andar e tivemos de continuar aqui, torcendo para que alguma tribo nos encontrasse...

— E quem acabou por encontrá-los fomos nós... — disse *Sir Henry*, com a voz tomada pela emoção. — Você não imagina quanto o procurei, George! E o mais incrível é que, por sua causa, conhecemos as Minas do Rei Salomão...

— É verdade mesmo?! — surpreendeu-se George. — Não posso acreditar!

Foi a minha vez de contar nossas **PERIPÉCIAS** com todos os detalhes. No fim do relato, George desabafou:

— Ao menos vocês saíram ricos da aventura! Eu, ao contrário, só ganhei um defeito na perna.

-  **MIRAGEM:** visão fantástica ou enganosa frequente em quem está no deserto
-  **COXEANDO:** mancando
-  **PERIPÉCIA:** aventura, feito extraordinário





O Capitão Good e eu ficamos com pena. Embora o combinado fosse que os diamantes seriam só de nós dois, decidimos dividi-los em três partes iguais, incluindo Sir Henry. Se ele não quisesse a sua parte, poderia dá-la ao irmão. Depois de alguns protestos, eles concordaram com a decisão.

E assim foi feito. Despedimo-nos dos guerreiros kakuanas que haviam nos levado até ali. Eles retornaram às montanhas de Soliman e nós seguimos para Sitanda, **AMPARANDO** George, que tinha dificuldade para caminhar. Na aldeia, recuperamos nossos pertences e logo voltamos à minha casa de Durban, onde escrevo este relato.

Aliás, esta manhã eu acabava de pôr o ponto final no parágrafo acima quando um criado me trouxe uma carta de Sir Henry. Decidi copiá-la abaixo:

Querido amigo Quatermain,

George, Good e eu chegamos bem aqui na Inglaterra. Quer dizer: Good não está tão bem, continua pensando em Fulata. Creio que nunca voltará a ser o mesmo depois da perda da bela kakuana. Apesar disso, ele já recuperou sua elegância e encarregou-se dos contatos para a venda dos diamantes.

*As novidades são boas! A joalheria Streeter, uma das mais famosas de Londres, avaliou as pedras por um preço tão alto que nem ousou mencionar. Os diamantes são de primeiríssima qualidade! Como nem essa joalheria tem condições de comprá-los de uma vez, pretende fazê-lo por **LOTES**, de forma que o mercado não seja abalado e o preço das pedras não caia.*

Em resumo, Quatermain: você é um homem riquíssimo! Mas é preciso que venha a Londres cuidar pessoalmente da venda. Terei imenso prazer em recebê-lo em minha propriedade e você poderá ver as presas do elefante que matou o pobre Khiva enfeitando a parede do meu escritório.

*Aliás, quem ficou impressionado com esse **TROFÉU** foi seu filho Harry, que esteve aqui me visitando. É um rapaz muito simpático, gostei demais dele. Harry não vê a hora de matar a saudade do pai. Não demore.*

Seu amigo de sempre,

Henry Curtis

Acho que nada mais me resta senão aceitar o gentil convite e embarcar no próximo navio para Londres. Além de rever meu filho e os amigos, poderei entregar pessoalmente este texto ao editor e acompanhar de perto a impressão do meu primeiro livro — que, espero, agrade a todos os leitores.



AMPARANDO: ajudando, auxiliando



LOTE: grupo de objetos da mesma natureza vendidos em leilões



TROFÉU: objeto comemorativo de vitória

ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Allan Quatermain, o narrador desta história, afirma que nunca havia escrito um livro antes. Quem era ele e o que o levou a escrever esta aventura?
- 2) O que faziam *Sir Henry Curtis* e o Capitão Good na África do Sul, quando Quatermain os encontrou? Quem era Neville?
- 3) Os ingleses convidam Quatermain para guiá-los na expedição às montanhas de Soliman. Inicialmente, ele não aceita. Por quê? O que o faz mudar de ideia?
- 4) Como Quatermain conheceu José da Silvestre e o que ele contou ao caçador? Quem era José da Silvestre e que parentesco tinha com o outro português?
- 5) De que forma o nativo Umbopa aparece e é integrado à expedição? Que atitudes dele provocam suspeitas em Quatermain?
- 6) No início da viagem, uma caçada de elefantes resulta numa tragédia. Qual foi ela? Relembre os acontecimentos envolvendo o Capitão Good e Khiva.
- 7) Que problemas o grupo enfrentou no deserto e na subida das montanhas? O que aconteceu na caverna onde os homens se abrigaram da neve?
- 8) O que mudou na paisagem quando eles chegaram à Estrada de Salomão?
- 9) O que aconteceu quando o Capitão Good se barbeava? Como as manias do inglês provocaram um mal-entendido que salvou a vida de todos?
- 10) Quem eram os kakuanas? Relembre o que Infadus contou sobre seu povo.
- 11) Como Tuala recebeu os visitantes? Que estratégia eles usaram para convencer o soberano de que eram deuses vindos das estrelas?
- 12) Qual a verdadeira identidade de Umbopa e o que ele pretendia?
- 13) Dê alguns exemplos das crueldades de Tuala durante as festas anuais.
- 14) Como o grupo convenceu os guerreiros a ficar do lado de Ignosi e depor o rei? Resuma os principais feitos das batalhas que deram a vitória a Ignosi.
- 15) Por que Ignosi fez Gagula levar os brancos às Minas do Rei Salomão? A feiticeira obedeceu de boa vontade? O que ela pretendia?
- 16) O que havia na Morada da Morte? E dentro da câmara do tesouro?
- 17) Como aconteceu a traição de Gagula e qual o fim da velha feiticeira?
- 18) Quem era Fulata? Qual o papel dela no acontecimento?
- 19) Depois que a porta de pedra se fechou, Quatermain, *Sir Henry* e o Capitão Good passaram maus momentos sob a terra. Como conseguiram sair de lá?
- 20) *Sir Henry* finalmente encontrou seu irmão. Como isso aconteceu?
- 21) Você gostou da maneira como o escritor terminou o livro?



AS MINAS DO REI SALOMÃO

H. Rider Haggard

BIOGRAFIA DO AUTOR

Salomão, rei dos hebreus, viveu entre 1032 a.C. e 945 a.C. e dizia-se que fez uma imensa fortuna explorando jazidas de diamante no continente africano. Essa lenda foi usada pelo escritor inglês *Sir Henry Rider Haggard* para criar uma das mais famosas histórias de aventura de todos os tempos.

Nascido em Norfolk, em 1856, *Sir Haggard* viveu numa época em que a África era explorada pelas potências europeias, sobretudo a Inglaterra, como mercado para seus produtos e fornecedora de matérias-primas para a indústria, que iniciava a produção em grande escala. Haggard era de família rica, estudou em ótimas escolas e bem jovem já trabalhava nas possessões inglesas no sul da África. Ao longo da vida, ocupou posições de destaque nas colônias, entre elas o Transvaal, como magistrado, especialista em migração e agricultura.

Seu talento de ficcionista valeu-se das experiências africanas para criar seus dois livros mais famosos, *As Minas do Rei Salomão*, publicado em 1885, e *Ela*, em 1887. Embora Haggard acreditasse na “superioridade” dos ingleses sobre os povos dominados, por outro lado ele nutria grande admiração pelos nativos com quem conviveu. Por isso seus personagens são humanos, sinceros e virtuosos, encantando o leitor, que facilmente se identifica com eles.

Pelos serviços prestados ao seu país, em 1919 o escritor foi elevado à categoria de *Sir*, tornando-se assim um membro da nobreza inglesa. Faleceu em Londres, em 1925, aos 69 anos de idade.

